

VILLAS-BÔAS CORRÊA

Véspera de trégua

De língua de fora, esbofado pelo mutirão de undécima hora do esforço concentrado, o Congresso corre contra o tempo que desperdiçou como perdulário da desorganização, em mais de quatro meses de equívocos e confrontos inúteis, para votar pauta extensa, aprovar a Lei de Diretrizes Orçamentárias e mergulhar, num impulso ansioso, na quietude do recesso do mês corrido de julho friorento, junto às badaladas e esquivas bases, cada vez mais difíceis de serem conquistadas e conservadas nesses ásperos tempos de repúdio nacional à atividade política, em todas as suas formas e disfarces.



O balanço da correria que tanto ajuda a engordar as contas bancárias dos ilustres parlamentares com generosos *jetons* das sessões extraordinárias, há de ser fechado a seu tempo, numa avaliação do desempenho das bancadas, lideranças e de cada senador e deputado dissolvidos no caldo grosso da bagunça partidária. Por ora, na excitação da véspera, cabe uma sumária tentativa de análise dessa incomum convergência de interesses e posições contraditórios pelo alívio temporário das tensões e o ensaio de uma espécie de intervalo para que cada qual possa se dedicar à arrumação dos fundos do respectivo quintal.

O maior interessado e o mais assumido pregoeiro da pacificação é, como se sabe e se constata, o presidente Collor de Mello. Até que enfim, e já não era sem tempo, Collor refez seus cálculos, reconheceu insucessos parciais, bateu na caixa do peito atlético as cavas pancadas do remorso e mudou o estilo. Abrandou o fogacho inaugural, absorveu erros táticos rombudos, passou a recebo nas fragilidades evidentes do seu projeto gabola e envervou, um tanto sem jeito, a pele de cordeiro.

Lá é verdade que a modificação é mais superficial do que uma efetiva reformulação do programa e da tumultuária execução, aos arranques e sofrenas. Alguns dos engambelados pela conversa macia da nova equipe econômica do ministro-diplomata Marcílio Marques Moreira já perceberam — e confessam, com ar ressabiado de quem, de repente, descobre que está se comportando como criança e sendo enganado com mimos e paparicos —, que nenhuma reivindicação encaminhada e reiterada por entre salamaleques, em gabinetes de portas escancaradas e agendas abertas, foi efetivamente atendida. Liberação de verba, que é bom, para obras reclamadas pelas minas de voto, nada. Nomeações, chefias, controle de órgãos regionais, nem dá para pechinchar. O quer dizer que continua tudo basicamente na mesma. O parlamentar não é humilhado nas longas esperas nas ante-salas, não mofa na fila das audiências, não corre o risco de ser recebido de pé e despachado sumariamente com negativa seca. O governo desdobra-se em gentilezas e amabilidades. E fica nisso.

Bem, sempre é alguma coisa. Pois não há dúvida de que o presidente está tentando domar o temperamento impulsivo e anda uma seda. Visita amigos com os quais estava intrigado por conta das futricas alagoanas, interrompe a corrida de fim de semana

para conversar com os jornalistas, afirma-se um tímido, um carinhoso adocicado pelo mel do coração mole.

Está claro: Collor precisa desarmar resistências que se enrijavam contra o governo e ganhar um intervalo de tranqüilidade para revisar a tática do governo e esperar pelo resultado de alguns lances decisivos, como, lá fora, a renegociação da dívida com os bancos e, por aqui mesmo, os índices de inflação de junho e julho, no batismo de fogo da nova equipe econômica.

Um abençoado mês de Brasília esvaziada, Congresso em férias, parlamentares dispersos pelos seus estados, vem mesmo a calhar para o exercício solitário da autocritica e de um amplo reexame da atuação de seu governo profundamente contraditório, desigual, com altos e baixos, desde a composição do ministério até o segundo e o terceiro escalões. O presidente necessita de um prazo para proceder à revisão do governo, acompanhar a execução de planos lançados em cascata promocional e que, pelo que se constata, não saíram do papel. Um mês de reclusão meditada pode conduzir a uma saudável e urgente sacudida, acordando dorminhocos, espartando preguiçosos, e até botando para funcionar amplos setores da administração paralisados pela reforma improvisada e depois largados para lá, na marginalização ociosa.

O presidente vem emplacando seus inegáveis êxitos internacionais, com benéficas repercussões domésticas. Deve gabar-se da estampa jovem e desempenada, do jeito enérgico das passadas em cadência de parada, peito estufado, impecável postura nas solenidades militares ou nas pompas das cerimônias oficiais. Descobriu uma compensação para as provações brasilienses nas constantes fugas ao exterior. Agora mesmo, nos Estados Unidos, foi uma orquestrada badalação de elogios e afagos.

É evidente que ajuda, mas não basta. Aqui e não nas andanças pelo mundo, será cobrado dos erros e omissões ou reconhecido no sucesso.

Mas, não apenas a Collor aproveita o remanso de julho. O Congresso necessita retomar a sério o esforço para a modernização de sua estrutura e hábitos bolorentos. E o aflito candidato Orestes Quêrcia pode muito bem tirar proveito de uma desaceleração de campanha precipitada e que começa a semear resistências no seu arrendado PMDB, desde o cada vez mais ostensivamente ressentido doutor Ulysses Guimarães até os ariscos governadores, com suas naturais urgências e prioridades de entendimento com o governo federal.

Isso sem falar na oposição ou no que dela sobrou. Ao governador Leonel Brizola é de extrema conveniência que se aparem as arestas políticas para a esperta ordenha da ajuda federal. E, por fim, o PT anda muito precisado de uma pausa para mirar o umbigo e acertar-se consigo mesmo, com o penitente Lula e com os melindrados aliados da CUT e das assustadíssimas comunidades eclesiais de base, sob vigilância severa dos superiores, que perderam a paciência com as estripulias e gabolices eleitorais.

Na semana que vem, se tudo correr como manda o figurino, Brasília, o governo e o Congresso mergulharão no túnel de um mês de trégua, de paz, de recesso e de modorra.